

07-07-2020

A Marcha Evangélica sobre as Culturas Africanas

Ernesto Jorge Macaringue

[Professor de Geografia - Escola Superior de Hotelaria e Turismo /
Universidade Eduardo Mondlane - Cidade de Inhambane / Moçambique]

*Deus criou a África por Amor e
não por engano, não, não...!*

[Chiziane, s/d]¹

Da década de 1990 até a atualidade, Moçambique tem testemunhado transformações sociais muito violentas.

Em nome da liberalização do mercado, da liberdade religiosa, as investidas que algumas seitas religiosas contra a espiritualidade, diversidade cultural, contra os valores morais africanos é uma guerra contra *daimon*, deus interior que, segundo Sócrates, cada Sujeito carrega².

As Igrejas provenientes do Brasil, que se enquadram na corrente neopentecostal – Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Poder Mundial, retomaram o projeto das políticas coloniais, que segundo Chiziane (s/d) seu objetivo é retirar este indivíduo de si mesmo e tentar transformá-lo num OUTRO. Se olharmos a passividade dos Governos que tomaram conta dos povos africanos, das ligações entre os poderes políticos, com os poderes religiosos, económicos e financeiros, como negar que o projeto de transformação dos Sujeitos africanos é desencadeado de várias formas, e com apoio da mídia? As leituras mais midiáticas sobre o continente africano, e particularmente, sobre Moçambique, tendem a dar mais ênfase aos aspetos negativos nos modos de vida dos povos considerados *atrasados, tribais*.

O termo “atrasado” até faz sentido, porque implantou-se no mundo, o *espírito* de competição. No sistema mundial moderno há competição em tudo, até nas oportunidades para viver modestamente. No mundo civilizado surgiram *círculos religiosos*, que os estudiosos da religiosidade os enquadram na corrente neopentecostal, como também acadêmicos e políticos especializados em demonizar as formas africanas de adoração a Deus, de construir a ciência de autogovernarem-se. Nesse mundo moderno, o segredo do sucesso, da prosperidade está na alma da competição. Compete-se contra quem? Contra o irmão, contra o conterrâneo, contra o vizinho. De que se compete?

Em rezar, em adoração a Deus...! Na visão dos círculos religiosos que rezam em espaços luxuosos, o Deus daqueles que rezam ao ar livre, ou ainda, sobre sombra de uma árvore – o mais comum em famílias africanas, não é VIVO. Aqui está a justificativa dos infortúnios em muitas famílias africanas. Assim, a terapia instigada tem como alvos: os valores morais e culturais, os costumes que identificam os povos africanos. Um desses valores morais e culturais são as cerimônias de devoção em relação aos mortos, no caso,

a cerimónia de oitavo dia da morte, cerimónias em memória dos entes queridos, que muitas vezes, são realizadas com o intuito educativo, de arrependimento perante maldições. As maldições para a cosmografia africana são produto do pecado, desobediência, desrespeito dos valores ético morais. No que diz respeito aos processos de construção de conhecimentos científicos, as línguas se constituem como primeiro esteio de subjugação dos povos africanos. A diversidade étnica, como um dos fatores até aqui importante na morfologia das territorialidades, no lugar de colorir e perfumar a totalidade africana, devida à ganancia de algumas aristocracias, se constituem como linhas divisórias. Este aspeto, quanto a nós é o que fragiliza o espírito de unidade, isto é, uma das razões das misérias que nos fustigam, e conseqüentemente, o nosso sofrimento psíquico. As estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU), os relatórios de organismos internacionais que lidam com os dramas das guerras e das intempéries naturais, ilustram crianças e mulheres famintas em campos de concentração. Aqui está claro que, as instituições que desenvolvem levantamentos estatísticos não se preocupam em avaliar ou informar a situação das famílias que dependem dos bens naturais. Como interpretar essa cegueira? Os jornais, livros didáticos, estudos e relatórios estão mais inundados por quantitativos humanos que passam fome, que morrem de doenças, dos deslocados de guerra, como até dos bens naturais (potencialidades).

Por outro lado, esses documentos reportam rios de dinheiro que são gastos por especialistas em combater a pobreza, sem, no entanto, lograr-se êxitos palpáveis, o que efetivamente suscita inquietações...!!!!

O termo pobre é misterioso! Esta palavra de apenas cinco letras, tem o poder de esconder agendas gigantescas, que só o tempo é o único que não cede. O duro é que, o tempo em que esse poder é desmascarado, para os povos aquém estavam apontadas as flechas poderosas: “assistência técnica e civilização”, se vêm capturados na mendigância – dependência. Como palavras conclusivas, reiteramos que no olhar pouco comum à palavra “pobre”, na religiosidade do OUTRO, o nosso projeto é contrapor a navegação marítima das leituras mais comuns que procuram interpretar a espiritualidade, as crenças, os mundos sagrados que cercam os SUJEITOS africanos.

Não cabe, neste texto, o julgamento do mundo sagrado divino, como o satânico. O mundo sagrado, embora seja o pivô das transformações socio culturais, infelizmente não tem atraído atenção dos investigadores. A submissão, a extorsão, o fanatismo são produtos do mundo sagrado.

■ ■ ■

Citações:

- 1 - O regresso com Paulina Chiziane: in Strong Live. s/d. Maputo.
- 2 - *Apologia de Sócrates Banquete: Plantão texto integral*. Tradução de Jean Melville. Editora Martin Claret. São Paulo. 2002.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.